

A diáspora africana em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves: Kehinde e os múltiplos deslocamentos



Bolsista: Suelen Oliveira Dorneles (PROBIC FAPERGS-UFRGS)

Orientadora: Profa. Dra. Gínia Maria Gomes (UFRGS)

Projeto: O romance do século XXI: trânsitos, migrações e exílio

Introdução:

O presente trabalho propõe-se estudar o romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves sob a perspectiva da diáspora africana. A protagonista da narrativa é Kehinde, uma mulher nascida no Reino de Abomé e vítima da violência de deslocamentos forçados. No decorrer de sua infância, depara-se com a inviabilidade de permanecer em territórios, onde as mulheres de sua família decidem viver e, por conseguinte, passa por vários processos diaspóricos. Já que povos eram perseguidos em virtude de problemas étnicos, tais como a intolerância ao culto a Dan. Dentre os deslocamentos, destaca-se aquele que a leva para a colônia portuguesa. A protagonista passa a maior parte de sua vida nesta terra estrangeira, onde é escravizada e se estabelece conforme as condições permitidas. Já adulta, a personagem depara-se com a vontade de regressar a Uidá, sua terra de origem, em virtude do sentimento evocado pela memória de sua trajetória neste lugar.

Objetivos:

- Este estudo tem por objetivo analisar os deslocamentos vivenciados por Kehinde;
- Visa-se refletir sobre negociação de identidade que ela vivencia ao retornar para seu território;
- Pretende-se mostrar que, ao estabelecer uma vida semelhante ao modo dos colonizadores em Uidá, Kehinde transforma-se em outro diante do seu próprio povo.

Metodologia:

Os estudos sobre diáspora de Stuart Hall servirão de aporte teórico, uma vez que sua reflexão sobre povos que vivenciaram esse deslocamento vai ao encontro do movimento realizado pela protagonista.

Conclusões parciais:

A proposta inicial deste estudo é analisar dois deslocamentos distintos: coletivos e individuais. A representação da diáspora africana se dá por intermédio da memória de Kehinde, que narra sua experiência e o que observou da vivência dos que se deslocaram junto com ela. Assim, o movimento coletivo possui uma única perspectiva de memória, ainda que tenha sido experienciado por um grupo de pessoas de diferentes etnias.

A trajetória de Kehinde nos territórios africanos se mantém em sua memória de modo a preservar sua identidade construída em África. Observa-se que, na colônia portuguesa, ela busca estabelecer uma vida conforme os costumes locais sem esquecer sua ancestralidade legada pela avó. Portanto, a personagem está no entremeio de duas realidades: a de Uidá que lhe foi privada e a imposta no Brasil.

A protagonista vivencia o mesmo estado ao retornar para sua terra de origem, onde passa a ser considerada brasileira. No entanto, o longo período em que viveu no Brasil não a torna brasileira, uma vez que lhe foram impostas uma condição de vida sem direitos e uma identidade através de um ritual de batismo. Seu retorno é marcado pelo sentimento de estraneidade com relação à memória do território natal.

Deste modo, percebe-se que a transformação de Kehinde lhe priva de pertencimento, já que ela se sente deslocada em ambos os lugares. A identidade da personagem resulta da tentativa de recriar costumes ancestrais fora do território de origem e da convivência com a nova realidade vivenciada no Brasil.

Referências:

- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2016;
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.